BETAR ARTES & LETRAS

#155 | AGOSTO | 2023

Prémio José Mendonça

Laura Caetano, Guilherme Figueiredo, Hermes, Ana Malta e Francisco Venâncio foram os grandes vencedores

Betar

Ponte de Tete, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**
Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**
Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**
Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**
Redatora: **Cátia Teixeira**
Design: **Jonas Reker**

Betar

EDITORIAL

Ainda no âmbito das comemorações do 50º aniversário, a Betar organizou o seu primeiro grande evento cultural. Entre 5 e 21 de Julho estiveram expostas 45 pinturas, de 15 jovens artistas nacionais, e foi atribuído o Prémio José Mendonça – 1º Prémio de Artes Plásticas Betar a Laura Caetano, Guilherme Figueiredo, Hermes, Ana Malta e Francisco Venâncio. O objetivo da mostra foi contribuir para a divulgação do trabalho dos jovens artistas convidados e a Betar está satisfeita com o resultado final. Nesta edição da Artes&Letras damos a palavra a todos os artistas numa entrevista conjunta.

Para além destes destaques, e porque estamos em período de férias, procurámos eventos descontraídos, de norte a sul do país, para que tenha cultura "logo ali ao lado", onde quer que esteja. Destaque para a peça "Mentiras, boleros e vídeos caseiros", no Auditório Municipal Eunice Muñoz, em Oeiras; e "Eu quero voltar – Os anos 90", dos irmãos Feist, no Auditório Casino Estoril.

Na sétima arte, a Mostra de Cinema de Tavira 2023 apresenta vários filmes ao ar, livre nos Claustros do Convento do Carmo, e na música as sugestões passam pelo Porto Pianofest; Meo Sudoeste; Vodafone Paredes de Coura; Meo Kalorama; Jazz em Agosto e Fado na Casa da Amália. Já nas artes plásticas, a Cordoaria Nacional tem patente a exposição Urban [R]Evolution que explora o movimento da arte urbana.

Miguel Villar

editor convidado

Exposição de Pintura Jovens Artistas

O Grémio Literário recebeu o primeiro grande evento cultural organizado pela Betar. Entre 5 e 21 de Julho estiveram expostas 45 pinturas, de 15 jovens artistas nacionais, e foi atribuído o Prémio José Mendonça – 1º Prémio de Artes Plásticas Betar

Foi na presença de muitos amigos que se inaugurou a Exposição de Pintura Jovens Artistas, no dia 5 de julho. O Grémio Literário disponibilizou uma bonita sala cujas paredes foram preenchidas pelas 45 obras dos artistas que integraram o concurso para o Prémio José Mendonça – 1o Prémio de Artes Plásticas Betar.

O Presidente do Grémio Literário, Dr. António Pinto Marques, destacou a importância do evento e o Arq. Guilherme Godinho, comissário da mostra, falou do concurso: "Este prémio foi desenvolvido com o Eng. Tiago Mendonça e o objetivo foi que víssemos, nesta sala, 15 artistas com trabalhos muito diferentes. Trata-se de uma panóplia bastante abrangente de arte contemporânea. São três quadros por artista porque pareceu-nos mais interessante e justo escolher o trabalho de um artista em vez de uma só obra. O meu objetivo último é que, para o ano ou para o outro, haja uma nova exposição, talvez de fotografia ou escultura".

Desafio lançado, Tiago Mendonça agradeceu a presença de todos, elogiou o trabalho dos artistas e explicou o porquê desta iniciativa: "Em primeiro lugar acho que estamos num sítio fantástico, o Grémio foi feito para isto, obrigado por nos acolherem num sítio tão especial. Falando um pouco do que nos trouxe aqui, a Betar faz 50 anos e achámos que uma boa forma de celebrar era fazer esta exposição, porque a cultura sempre fez parte do ADN da empresa e juntar pintura e jovens artistas fazia todo o sentido".

Presentes na inauguração estavam 14 dos 15 artistas que apreciavam e comentavam as obras uns dos outros, num ambiente descontraído como tão bem as artes sabem proporcionar. Aparentemente, mais do que ganhar o prémio, interessava-lhes ver os seus trabalhos a cumprir o objetivo para que foram criados: despertar sensações.

Prémio José Mendonça 1º Prémio de Artes Plásticas Betar

Artistas

Dias mais tarde, a 13 de julho, foram divulgados os 5 vencedores do concurso. Tiago Mendonça, Armando Martins e Inês Mendes Leal tinham-se reunido para selecionar os artistas que iriam ver uma das suas obras ser adquirida pela Betar e que poderiam depois seguir para a Residência Artística na Quinta de São Lourenço, na cidade da Guarda. Laura Caetano, Guilherme Figueiredo, Hermes, Ana Malta e Francisco Venâncio foram os eleitos, após uma reflexão individual, por parte de cada um dos elementos do júri, que acabou por se revelar bastante consensual.
Armando Martins explicou o processo de seleção que conduziu aos vencedores: "Todos os artistas tinham bons trabalhos, muito diferentes uns dos outros, cada um com o seu trajeto. Selecionámos os que nos pareceram ter um caminho, uma linha de continuidade para desenvolver. Eu e o Tiago coincidimos em 4 artistas, a Inês destoou mais, mas no final sobrepusemos as escolhas e chegámos aos 5 eleitos".
Já Tiago Mendonça relevou a importância deste tipo de eventos: "Esta foi uma maneira que encontrámos para promover as artes. Estes artistas - que já escolheram a carreira de artista, são pintores, não são finalistas do curso de Belas Artes - precisam de expor, precisam que apostem neles, que divulguem os seus trabalhos, porque estão a começar, e nós achámos que este concurso era uma boa forma de o fazer. E no final, todas as obras podem ser compradas". E a verdade é que, ao longo da exposição, vários quadros foram vendidos a visitantes e, no final de um almoço de convívio entre sócios e colaboradores da Betar, foram ainda sorteadas duas peças entre os presentes.
Nas palavras de Guilherme Godinho, "alcançou-se um dos objetivos do 1º Prémio José Mendonça: sublinhar a diversidade estética, conceptual e técnica do trabalho de cada um destes artistas. Divulgaram-se obras e artistas, fez-se uma exposição, um catálogo e dois Artes&Letras dedicados ao Prémio. Agora é hora de preparar a residência na Guarda e trabalhar mais para uma nova exposição".

Vencedores

ANIVERSÁRIO

O objetivo da mostra de arte organizada pela Betar foi contribuir para a divulgação do trabalho de 15 jovens artistas a quem perguntámos:
Como é que a arte surgiu na sua vida? Que significado tem? O que o inspira? Como descreve a sua obra? De que forma o tempo e o lugar têm influência no seu trabalho? O que achou da iniciativa da Betar? E se é difícil promover o trabalho em Portugal?

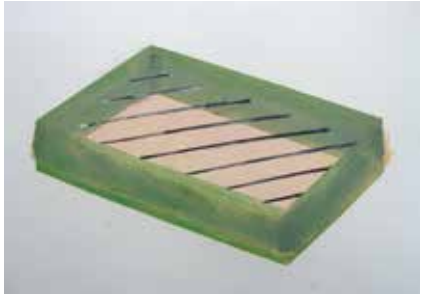
Hermes
Felizmente tive a sorte de ter pais que sempre me aguçaram a vontade de descobrir e conhecer (...) funcionaram como uma espécie de "rastilho", a partir daí comecei a desenvolver a minha própria curiosidade e gosto em descobrir e perceber, ou não perceber de todo, experimentar, falhar, maravilhar-me ou desiludir-me.
[A arte significa] tudo e nada. Por vezes as coisas mais redundantes podem ficar comigo durante bastante tempo e eventualmente vir à superfície no momento de criação (...) creio que a minha inspiração nasce principalmente do tédio ou da sensibilidade que procuro nos outros seres humanos.
Creio que o tempo e o lugar irão sempre influenciar quem cria. Acho que o desafio está também nesses fatores e no facto de nunca ficar demasiado confortável. Há uma letra dos novos baianos, que gosto muito, que diz: "vou mostrando como sou e vou sendo como posso, jogando o meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros".
Acho bastante fácil mostrar o que se cria, existem inúmeras plataformas e felizmente a arte já não depende de certos círculos para se fazer ver. No entanto essa vasta oferta de divulgação faz com que tudo pareça rápido e facilmente descartável. É não pensar nisso e criar.

Miguel Ângelo Marques
O interesse na arte vem da convivência regular desde muito cedo com um tio pintor, os dias de verão eram passados no seu atelier e isso despertou o pintor em mim. O que o afirmou foi visitar uma exposição do Hugo Canoilas em 2010, no CCVF, chamada "Endless Killing".
Quando de lá saí soube que o que queria mesmo fazer era despertar aquele espanto noutros através de superfícies cheias de tinta.
Não saberia fazer mais nada além de pintar, o processo criativo vem como uma necessidade intrínseca e uma constante prevalência de um pensamento artístico sempre em tensão com o que vejo.

Ana Malta

A minha pintura decorre muito de uma vivência por isso onde estou e de que forma vivo os acontecimentos são ações de extrema importância, eles vão moldar o espírito com que entro no atelier, de preferência com a cabeça cheia de imagens e de pintura.

Maria Luísa Capela
A arte foi surgindo de um modo indissociável com a vida. Todas as minhas memórias incluem o tempo para estar sentada ou deitada com folhas de papel à frente, com outros tantos materiais para sujar tudo, geralmente totalmente alheada das conversas adultas. (...) Consegui ir substituindo a minha vida atlética pela salvação desta tão querida mesa da miudagem sossegada.
O que vejo e o que sinto são os motores para o que faço, daí reconhecer que a minha obra se tem tornado cada vez mais autobiográfica, reflexo do que vou pensando e das inquietações que vou tendo. A minha obra corrige erros e refaz novos, numa imperfeita simbiose tal e qual como vou crescendo e desconstruindo a ilusão da vida adulta.
O espaço/lugar é determinante para e como vivemos dentro do nosso trabalho e como começamos a expressar-nos em diferentes suportes. O tempo segue-se num caldo de sopa de letras em que nunca interessa o que veio primeiro.
Relativamente à exposição no Grémio Literário; à escolha de um terço dos artistas finalistas e a uma residência artística com os mesmos, parecem-me todas iniciativas raríssimas que germinarão boas sementes.



Francisco Venâncio

Ana Malta
A arte, no sentido mais lato da palavra, esteve sempre presente na minha vida devido à minha convivência e proximidade com o meu avô - o grande cantor de ópera português Álvaro Malta. A necessidade de me expressar artisticamente começou desde muito nova e ficou mais marcada quando descobri materiais riscadores como barras de óleo.
[A minha obra é] uma presença. Um feitio. Equilíbrio. Contraste. Erro como oportunidade. Erro como ferramenta. Durante o processo criativo, todas as expressões palpáveis encontram-se e dinamizam-se de uma forma inconscientemente sólida. As cores são espalhadas pela base e, como na nossa natureza, parecem ter instintos, sentimentos... Um conhecimento irracional

sobre caminhos e harmonia. Figuras, retratos, palavras, formas... Pertencem ao suporte.
O tempo e o lugar são a base de qualquer obra. As direções e novas procuras vêm exatamente da mudança. Mudança de hora, dia, vida, lugar, estar, ser.
Penso que em Portugal há pouco diálogo, pouco tempo e pouca disponibilidade. Muitas criações - para além de excelentes - e muita motivação que, infelizmente, é facilmente abandonada devido a diversos estímulos externos.

Afonso Alves
Comecei a desenhar quando era pequeno, como toda a gente. Só não parei.
O maior problema de quem escolhe perseguir artes é a falta de financiamento, [este tipo de iniciativas] é uma das melhores formas de o conseguir!
[Em relação à promoção do trabalho] há demasiada pressa da parte dos jovens em mostrar trabalho, prematuramente diria eu. Falo de mim mesmo, claro. Em suma não há falta de sítios para expor. No entanto há poucos que coincidam na questão de estar pronto para isso e ter a oportunidade.

Rita Paisana
Desde que me lembro, a arte e os seus meios, especialmente desenho e pintura, sempre foram o modo mais natural de me comunicar e relacionar com o mundo. [Inspira-me] tudo o que absorvo no meu dia-a-dia, visual ou não visual. Vou construindo mundos interiores baseados em conjuntos de sensações, imagens, referências literárias... esses mundos estão constantemente a alterar-se.
Os elementos estruturais do meu trabalho são a materialidade, o brilho e a cor. Procuro um equilíbrio que seja intuitivo para mim.

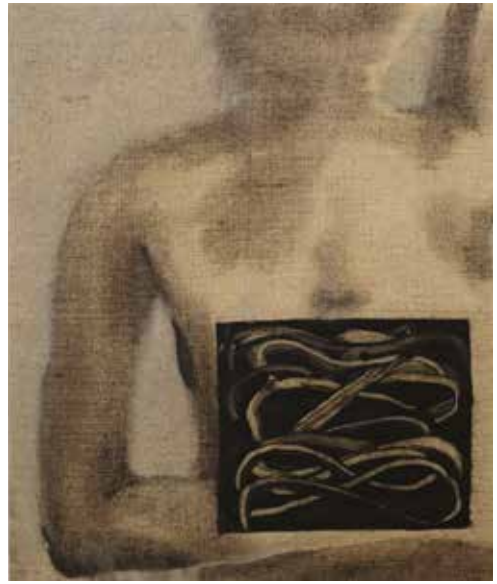
Ana Romãozinho
[A arte] se calhar esteve sempre lá, no tipo de olhar que dedico ao mundo. Este olhar aproximou-me em particular da pintura, pela cor e gesto fluido sobre uma superfície plana; (...) as pinturas estão simplesmente lá, não pedem tempo a ninguém, não chamam, são silenciosas, expressam-se discretamente livres e enigmáticas, talvez por isso sejam tão fascinantes.
Por um lado, inspira-me a natureza - a sua beleza, bondade, e a sua surpreendente força e fúria. Por outro, inspira-me o ser humano - a sua inata habilidade para compreender, racionalizar, criar sistemas, comunicar e tentar explicar o mundo. Inspira-me a música; a dança; todos os artistas que me surpreendem. Inspira-me o riso, o humor, o divertimento e a cumplicidade.
[Em relação à iniciativa], todas as empresas têm um lado humano e todo o Homem beneficia do contacto com arte. Assim, é sempre feliz ver uma grande empresa conectar-se com o seu lado

Guilherme Figueiredo

humano, valorizando a cultura, através da expressão sensível e livre dos artistas que decide apoiar. Por se ter interessado pelos mais jovens, anuncia a direção do seu olhar para o futuro. A residência confirma a generosidade da empresa e o empenho em acompanhar os artistas.

Francisco Venâncio
Ser artista é persistir na procura de respostas num lugar onde só se alcançam perguntas.
O meu trabalho desenvolve-se através do desenho, da pintura e da escultura. Situa-se num lugar de ficção que confronta a realidade desafiando referências, noções ou signos através de uma prática que premeia a experimentação, apropriação ou especulação.
Esta iniciativa por parte da Betar torna-se muito relevante e distintiva para um setor artístico que implode na procura de financiamento público.

Guilherme Figueiredo
Imaginemos uma ponte. Ela cria ligações entre pontos distantes. Permite passagem e circulação e ainda a troca de matéria e ideias entre os dois "locais". A durabilidade destas depende do que



Laura Caetano

caminha sobre ela, sendo que neste contexto a fragilidade não põe em causa a funcionalidade, até a pode intensificar. Acho genuinamente que ser artista é ser ponte.
No núcleo do meu trabalho está a procura pelo limbo entre realidade e ficção. As arenas que estão entre a seriedade e o "play". A pintura é a componente mais real no meu trabalho, apresenta-se como o esqueleto de um corpo mutável e semi-invisível (escultura). É o pré do pos.
Tendo os recursos para o fazer, a BETAR teve uma ótima iniciativa em criar espaço para mostrar e divulgar trabalho de artistas. Sinto-me privilegiado de ter sido convidado para a primeira edição e espero que continuem com o prémio José Mendonça no futuro. A residência mostra que existem entidades exteriores preocupadas em ceder oportunidades

para os artistas realmente se focarem no trabalho.

Maria Rebela
A arte está intimamente ligada à vida e ao viver. É um produto/resultado das nossas experiências e de tudo o que nos compõe e por isso é também uma ferramenta capaz de traduzir este conjunto de experiências em algo material e de ajudar a ver outras perspetivas daquilo que é, para nós e para os outros, a vida e o que retiramos dela.
Iniciativas como esta permitem dar continuidade e promover a produção e desenvolvimento do corpo de trabalho dos artistas, o que as torna essenciais para estimular a criação artística em Portugal.
É imprescindível, para conseguir persistir e desenvolver carreira artística, ter muita força de vontade e perseverança, pois é um processo que pode ser bastante demorado e desgastante. Apesar de tudo isto, nos tempos que correm, as redes sociais tornaram-se uma boa ferramenta para ajudar a aumentar a visibilidade e ter acesso a algumas oportunidades.

Laura Caetano
Para mim o artista é uma espécie de mensageiro cego, alguém que transporta uma mensagem numa língua morta e que depois cria um código para a tentar decifrar, mas esse código é impossível de verificar e o artista apresenta apenas a sua tradução, a que lhe é possível fazer. Para a arte funcionar, aquele que recebe a mensagem deve acreditar nela.
Interessam-me muito os pintores do fim do gótico e do início do renascimento. Também gosto muito de ler poesia. Mas para a criação tudo pode ser útil, ouvir uma conversa entre estranhos no metro, ou observar o voo de um pássaro. A curiosidade é muito importante.
[Quanto à iniciativa] é importante que as pessoas de outras áreas se interessem, envolvam e apoiem a produção artística em Portugal. A arte não deve ser só para os artistas, deve haver um público.
[Em Portugal] a dificuldade está em viver do trabalho enquanto artista. Mas penso que há uma comunidade interessante e enérgica de jovens artistas em Portugal, em particular ligados à pintura, que têm uma identidade muito própria e uma grande vontade e generosidade.

Pedro Tinoco
Não sei o que é ser artista. O que me difere de um(a) eletricista? Se todos temos a aptidão artística para olhar o mundo de outra forma, o que nos distingue é intenção, contexto geopolítico e um determinado número de influências capazes de ditar o nosso lugar no mundo.
Diria que o elemento mais presente [no meu trabalho] é a constante mudança da imagem e, por isso, o interesse pela dicotomia fazer/apagar. Procuro pintar, e que o resultado seja uma imagem, ou outra coisa qualquer, se estiver virado para isso.
A pintura é sempre resultado do meu lugar físico e psicológico, das coisas concretas e das mais imateriais - por isso, se sigo

Hermes

outro rumo, a pintura vem atrás(??) ou vem à frente, e depois é que procuro formas de resolver a imagem. Não sei. É qualquer coisa entre a adivinha - ou acerto ou erro ou nada disto.
Acho que o caminho é investir naqueles que ainda não têm oportunidades para continuar. Desta forma, privilegiar os artistas mais jovens é continuar a trabalhar para que as próximas gerações tenham mais estrutura e capacidade no nosso contexto.

Susana Amaral
A arte dá sentido à nossa existência e é algo que influencia todas as áreas da minha vida, onde moro, amigos etc. Ser artista vai muito além de uma profissão, é um ato político.
A obra dá-me respostas a mim e não o contrário, tenho o privilégio que me guie numa viagem que pode durar a vida toda. Infelizmente, temos outras condicionantes para além da nossa paixão ou decisões plásticas que moldam a nossa prática: situação economia do país, valorização da cultura, crise climática, preconceitos elitistas, de género e raciais que, de uma forma dramática, influenciam e condicionam a nossa produção artística.

Maria Inês Alves
Desperta-me à atenção o que vai acontecendo à minha volta, pessoas, frases, paisagens, textos que vou lendo ou peças de outros artistas. Às vezes são pequenos detalhes, texturas, formas, cores.
Vou trabalhando por séries e cada série tem a sua "cola". A última que fiz na faculdade foi marcada pela minha avó, que me ensinou a manejar uma máquina de costura (com a qual desenhava).
Tentei, no desenho, replicar os principais aspetos desse processo de aprendizagem, a repetição, a tentativa/erro, a subtileza do gesto, as pequenas discrepâncias num padrão quase homogéneo.
O apoio e investimento na compra de obras são determinantes numa fase de início de carreira. A possibilidade de exposição e participação na residência são oportunidades muito pertinentes, que promovem o desenvolvimento cultural local e incentivam à produção individual, alimentando futuras exposições e ciclos de trabalho.
[Promover o trabalho] é muito desafiante para a maioria dos jovens em início de carreira. Porém é necessário, sem dúvida, um maior investimento em bolsas de estudo e de apoio à criação, uma revisão do enquadramento laboral nas estruturas das várias instituições culturais, e fomentar a curiosidade pela produção artística nacional.

BETAR

A BETAR realizou uma intervenção num edifício histórico no coração de Lisboa que passou pela demolição com preservação das paredes de fachada e empena em alvenaria de pedra

O edifício ergue-se com paredes-mestras em alvenaria de pedra irregular argamassada, profusamente fenestradas, e com paredes resistentes interiores em alvenaria de tijolo perfurado. A intervenção passou pela demolição, preservando as paredes exteriores de fachada e empena em alvenaria de pedra, bem como a escada exterior. No interior mantiveram-se unicamente as escadas de distribuição aos pisos. O edifício foi ampliado com a introdução de uma cave, executada com paredes de contenção tipo Berlim. As estruturas novas interiores são porticadas, em betão armado. Os pilares estão dispostos na periferia da construção, adossados às paredes de alvenaria. As lajes são fungiformes maciças. A consolidação das paredes exteriores foi executada através de uma lâmina de microbetão armado, aplicada nas paredes, ligada à alvenaria com chumbadouros em varão galvanizado.

Miguel Lupi 30, Lisboa

Projeto: 2018/2021

Obra: 2019/2022

Área Bruta de Construção: 1.500 m2

Dono de Obra: M. LUPI – Sociedade Imobiliária

Arquitetura: Quadrante Arquitectura

Especialidades: Demolições e Contenção de Fachadas; Fundações e Estruturas; Águas e Esgotos

PARA LER

O Remorso de Baltazar Serapião
Valter Hugo Mãe

As mulheres assistem ao mundo como presas dos homens. A história do mundo revela tempos em que a mulher mais não é do que um instrumento da vida do homem. Neste romance, Valter Hugo Mãe torna impossível ignorar este facto. Criador de uma linguagem exuberante, e deitando mão à mais rica imaginação, o autor explica o amor a partir do ponto de vista tremendo do machismo. Esta é a aventura de um homem que, casando com a moça mais bonita da sua terra, se deixa corromper pelo preconceito e pela pobre tradição. Entre ser divertido e cruel, "O Remorso de Baltazar Serapião" é um marco fundamental na literatura portuguesa contemporânea.

A Sentinela
Richard Zimler

Henrique Monroe, inspetor-chefe da Polícia Judiciária, é chamado a um palacete de Lisboa para investigar o homicídio de um abastado construtor civil. Depois de interrogar a filha da vítima, começa a acreditar que Pedro Coutinho foi assassinado ao tentar defender a perturbada adolescente do assédio sexual de um amigo da família. Ao mesmo tempo, suspeita que a vítima poderá também ter sido silenciada por um dos políticos implicados na rede de corrupção que o industrial montara para conseguir os seus contratos. Tendo como pano de fundo o Portugal contemporâneo, um país traído por uma elite política corrupta, Richard Zimler criou um intrigante policial psicológico.

SUGESTÕES

Agosto é mês de férias por excelência, por isso, a Artes&Letras procurou eventos descontraídos, de norte a sul do país, para que tenha cultura "logo ali ao lado", onde quer que esteja

Mentiras, boleros e vídeos caseiros

Nesta peça, todos os emaranhados possíveis para uma noite de conquista serão o fio condutor de uma trama surpreendente e divertida onde nada é o que parece. Alice é uma mulher divorciada quando conhece Júlio, o homem perfeito para iniciar um relacionamento. Mas, junto com a sua melhor amiga e confidente Cristina, viverá uma situação totalmente inesperada e absurda, desencadeada por uma série de erros, mentiras, confissões e situações surreais. A nova comédia do autor de "Porta com Porta", Lázaro Matheus, encenada e dirigida por Celso Cleto, é uma sessão inteira de terapia de riso. **ATÉ 6 DE AGOSTO**

Auditório Municipal Eunice Muñoz, Oeiras

TEATRO

Eu quero voltar – Os anos 90

Esta poderia ser uma festa de celebração da entrada no novo milénio, mas é mais que isso. O novo musical dos irmãos Feist é um regresso ao passado que nos trará memórias inesquecíveis.
"Vamos voltar ao início da década de 90 e relembrar acontecimentos, canções e factos, para percebermos como é que chegámos a este novo milénio. Do Grunge ao Hip-Hop, R&B, Rock, Boy Band, Divas, uma coisa é certa: havia sempre uma canção que refletia o nosso estado de espírito. Vai mesmo querer perder a maior festa dos anos 90 a que pode assistir?"
TODAS AS 6a FEIRAS E SÁBADOS DE AGOSTO

Auditório Casino Estoril

Mostra de Cinema de Tavira 2023

O Cineclube de Tavira organiza, uma vez mais, uma mostra de cinema ao ar livre, com a apresentação de grandes filmes, todos premiados. No dia 4 de Agosto, o público poderá contar com a presença de Claúdia Varejão, que irá partilhar a sua experiência e falar da longa-metragem "Lobo e Cão", a ser apresentada nessa mesma noite. O filme da realizadora portuguesa foi aclamado pela crítica e recebeu vários prémios internacionais. Nos outros dias do mês serão exibidos os filmes: "Os Verdes Anos", "Sick of myself", "The Quiet Girl", "Os Anos Super 8", "O Acontecimento", "Onoda, 10.000 Noites na Selva", "Ursos Não Há", "Tenho Sonhos Elétricos", "Terra de Deus", "The Lost Daughter" e "Ennio, o Maestro".
ENTRE 3 A 13 DE AGOSTO

Claustros do Convento do Carmo, Tavira

MÚSICA

Porto Pianofest 2023

1 A 9 DE AGOSTO EM VÁRIAS SALAS DO PORTO E FAMALICÃO

A 8a edição do festival internacional Porto Pianofest apresenta novas masterclasses, residências artísticas e ícones da música clássica. A Maratona de Piano é inaugurada pelo violinista Emanuel Salvador e pelo pianista Nuno Marques que acompanharão a performance dos excecionais Stars of American Ballet.

Meo Sudoeste

9 A 12 DE AGOSTO NA ZAMBUJEIRA DO MAR

O palco principal do Sudoeste conta com David Guetta, Niall Horan, Giulia Be, Lon3r Johny, Xutos e Pontapés, dia 9; Bizarrap, Farruko, Ludmilla, DENNIS, Kriol Kings, dia 10; Metro Boomin, Slow J, Karetus, L7NNON, Rae Sremmurd, dia 11; Ivandro, Hardwell, Steve Aoki, Blasterjaxx, Soraia Ramos, a 12.

Vodafone Paredes de Coura

16 A 19 DE AGOSTO NA PRAIA FLUVIAL DO TABOÃO

Este festival é conhecido pelo seu ambiente descontraído onde se pode ouvir música de bandas mais alternativas. Nesta edição não se pode deixar de destacar Jessie Ware, Yo La Tengo (16); Fever Ray, Tim Bernardes, The Walkmen (17), Little Simz, Yung Lean, Black Midi (18), Lorde, Wilco e Explosions in the Sky (19).

Meo Kalorama

31 DE AGOSTO A 2 DE SETEMBRO, NO PARQUE DE BELA VISTA, LISBOA

Esta edição é a consagração do festival que deu novos ares musicais a Lisboa com uma proposta elegante, sólida e variada. Este ano, Arcade Fire, Florence + The Machine, The Blaze, Foals, Metronomy, Amyl And The Sniffers, Capitão Fausto, Dino D'Santiago e Rita Vian são alguns dos destaques.

FESTIVAL

Jazz em Agosto

A 39.a edição do festival de jazz da Gulbenkian arrancou em Julho mas ainda é possível assistir a ótimos espetáculos com The Attic, Zho Amba Trio, Ghosted, Myra Melford's Fire and Water, Marta Warelis, Mary Halvorson's Amaryllis, Camille Émaille e Gard Nilssen's Supersonic Orchestra. Ao longo dos anos, o Jazz em Agosto tornou-se uma tradição na cidade de Lisboa, destacando-se como um dos festivais de jazz mais importantes do país. O evento conta com um programa eclético, que abrange desde o jazz mais clássico até ao jazz mais experimental e vanguardista, numa variedade de performances de artistas reconhecidos nacional e internacionalmente. A qualidade de transe com origem africana é um dos traços distintivos do evento de 2023, que continua a reagir ao som e à forma e se molda por quem ocupa o palco. Deixe-se guiar. **ATÉ 6 DE AGOSTO**

Fundação Calouste Gulkbenkian

FADO

Fado na Casa da Amália

Nos dias 16 e 30 de Agosto a sonoridade única da guitarra portuguesa é celebrada num concerto totalmente instrumental que recorda os grandes sucessos de Amália Rodrigues. Estes solos acontecem num ambiente intimista, na casa onde a fadista viveu durante mais de 40 anos. Para além destes espetáculos, há muito Fado no Jardim da Casa de Amália Rodrigues, o jardim secreto que recebe concertos únicos de voz, guitarra portuguesa e viola de Fado, num ambiente intimista e exclusivo. Nesta experiência são recordados os temas popularizados por Amália Rodrigues, desde Fado, Canções tradicionais e Marchas Populares. Os concertos acústicos podem ainda ser antecedidos por uma visita guiada à Casa-Museu para conhecer este património, num regresso ao passado através da história da Voz de Portugal.

ATÉ 30 DE AGOSTO

Casa-Museu Amália Rodrigues

ARTES

Urban [R]Evolution

Esta mostra única explora o movimento da arte urbana, desde as suas fases iniciais na forma de tags, graffiti e pinturas nos comboios e no metro, passando pelo influente período intermédio até, finalmente, dar origem à street art. Reunindo alguns dos mais reconhecidos nomes da arte urbana nacional e internacional, a mostra apresenta instalações originais - especialmente concebidas para a exposição - de 17 artistas que moldaram e continuam a moldar o panorama mundial do movimento, como os portugueses Vhils e Tamara Alves, e os históricos norte-americanos Lee Quiñones e Shepard Fairey. Paralelamente, um conjunto de fotografias da mítica Martha Cooper documenta a evolução da street art ao longo das últimas décadas.

ATÉ 3 DE DEZEMBRO

Cordoaria Nacional

MOÇAMBIQUE

ARTES

27 Motivos para Celebrar

Instituto Camões - CCP Beira

Esta exposição de pintura, composta por vinte telas, pintadas por João Timane, com recurso a técnica mista, retrata o dia a dia do povo moçambicano e resulta da deambulação do próprio autor que faz refletir, na sua arte, o quotidiano e as memórias que guarda de todos os lugares que já conheceu.
Durante quase um mês, o Centro Cultural Português, Polo da Beira, acolhe a exposição de João Timane e a realização de algumas atividades paralelas, entre as quais um workshop de pintura.
João Timane nasceu em Maputo. Formou-se pela Escola Nacional de Artes Visuais de Maputo e lecionou Pintura Artística às crianças do bairro do Aeroporto, inspirado nos ideais do grande mestre Malangatana. **ATÉ 8 DE AGOSTO**

ARTES

Histórias por contar, por contar, por contar

Fundação Leite Couto, Maputo

Esta exposição de escultura do artista Amanhiça enaltece sobretudo as mulheres, como que numa homenagem pela maternidade. Além das mulheres, o artista homenageia os pássaros, que o acompanham desde a infância. Suleiman Cassamo descreve as peças da seguinte forma: "Apesar da densidade do metal, não falta aos pássaros a vontade de voar. Tanto nos pássaros como nas mulheres persiste o perpétuo desejo de evasão. Mas ao fim de algum tempo a olharmos fascinados as peças justamente inspirados por estas obras somos nós que levantamos um voo imaginário".
ATÉ DIA 5 DE AGOSTO

VIAGEM

Pelos parques do sudoeste dos EUA

Fui mãe em maio de 2016 e em outubro do mesmo ano levámos o nosso filho na sua primeira grande viagem aos EUA. "Ele é portátil", pensámos, "lá existem médicos - para alguma eventualidade -, vendem fraldas e leite em pó, usam berço e "ovo" para transporte no carro... nada nos impede".
Entusiasmados, aterrámos em Las Vegas, depois de um voo tranquilo onde o miúdo dormiu, choramingou, comeu e fez todas as coisas que os bebés fazem, onde quer que estejam. A "cidade do pecado" não era, de todo, o nosso foco... Convenhamos que casinos, festas noturnas, casamentos inesperados e outras extravagâncias não são os ambientes mais apropriados para um bebé de 5 meses... Las Vegas era apenas o ponto de partida para uma épica jornada de 3 semanas por alguns dos principais parques naturais do sudoeste dos EUA. Começámos pelo Joshua Tree, uma zona desértica onde cresce uma espécie única de cato que dá nome ao parque. Dali até ao majestoso Grand Canyon "fizemo-nos ao caminho" pela inigualável Route 66. Cenário de muitos filmes, a mítica estrada proporciona imagens familiares de bares de westerns, típicos ranch, motéis e antigos postos de gasolina. O Grand Canyon é uma imensidão de formas rochosas, muito singulares, que nos prendem o olhar. Antelope Canyon foi outra surpresa incrível. Grandes fendas que se abrem na terra, e são invadidas por feixes de luz, permitem-nos explorar corredores pintados de tons ocre, rosa, laranja ou castanho...
Cruzámos ainda o Monument Valley e o Arches, cujas formações esculpidas pela natureza são igualmente deslumbrantes. A todas estas paisagens, o meu filho assistiu do alto do seu marsúpio. Esta foi, por vários motivos, uma viagem inesquecível.

por Cátia Teixeira

1º Prémio de Artes Plásticas Betar, Grémio Literário, Lisboa